

# Editorial

## *Homenagem ao Professor Rubens Maciel, Vida e Obra (1913-2004)*

**A**o saudar todos os presentes, agradecendo o convite que me foi formulado para nesta data sugestiva – a da última sessão de 2004 da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina – evocar a figura do eminente Professor Doutor Rubens Maciel, desejo expressar aqui o mesmo sentimento que me moveu a aceitar convite anterior para organizar o livro em homenagem aos seus 90 anos, editado pela UFRGS em 2003.

Já naquela ocasião me sentira muito honrada em poder reunir textos do próprio autor, depoimentos de colegas e ex-alunos, para dar visibilidade às múltiplas facetas do médico e do educador, salientando que a atividade docente, desenvolvida desde cedo, no Brasil e no exterior, foi sempre dominante em seu percurso profissional.

Para lançar-me àquela tarefa foi decisivo o fato de ter tido o privilégio de conviver com o Professor Rubens Maciel em situações da vida universitária, que me levaram a admirar sua figura humana e sua atuação como Mestre.

Além disso, sempre considerei que o território das Letras – que é o meu – não é distante do campo da Medicina, como à primeira vista poderia parecer. São, ao contrário, vizinhos se pensarmos que Ciência e Criação são duas formas de investigação privilegiadas do ser humano. Nesse processo, ambas se valem de dados reais e da imaginação, ambas buscam a contínua compreensão e o melhor entendimento do homem.

É desse interesse comum que nasce a freqüente inclinação e o apreço que os médicos manifestam pela palavra e pela ficção. Acostumados a lidar com a dor humana, a compartilhar também as alegrias de seus pacientes, eles tendem a registrá-las. Igualmente o escritor, mesmo sem o conhecimento direto de seu público, investiga os escaninhos da alma humana e escreve para todos os homens sobre as experiências de cada um.

O Professor Rubens Maciel conhecia muito bem o que aqui rapidamente se ressalta. Quer dizer, a proximidade entre essas duas áreas de atuação. Isso se comprova por pelo menos dois fatos que julgo oportuno vir a recordar.

No entanto, antes de evocar essas passagens, quero deter-me em alguns dados de sua vida pessoal e profissional.

Nasce Rubens Mário Garcia Maciel em Santana do Livramento, em 4 de agosto de 1913. A vivência de uma cidade da fronteira marca profundamente sua infância e parte da adolescência. Uma de suas lembranças mais nítidas é a do ambiente humano criado no convívio entre duas cidades, como comentaria mais tarde: **“Éramos um povo só. Falando duas línguas e usando duas moedas. Em minha formação o fato foi particularmente sensível, porque, por duas vezes, razões políticas levaram meu pai, como maragato da velha**



**guarda, a emigrar para o Uruguai. Vivi, pois, de um lado e outro da fronteira e aprendi a vê-la de modo peculiar.”**

Seu pai, Érico Maciel, era advogado e maragato, opositor do Presidente do Estado, Borges de Medeiros, o que lhe custou dois episódios de exílio. Esses deslocamentos são responsáveis pela compreensão do conceito de fronteira de ângulo positivo, como limite que instaura espaços autônomos e distintos e, graças a isso, permite o trânsito do homem, possibilitando-lhe a ultrapassagem, quando necessária. Como explica: **“Fala-se muito num mundo só, num mundo sem fronteiras, porque se pensa na fronteira como uma muralha que separa e impede o conagraçamento dos homens. Mas – pergunta o Professor – e se esse mundo, só esse mundo sem fronteiras for governado por uma tirania? Para onde irão os perseguidos, os refugiados, os necessitados de segurança, os ávidos de liberdade?”**

Nessa sua manifestação, em entrevista, chama logo a atenção o fato de que seu conceito de fronteira decorre de experiência de vida e é, como sabemos, atual no mundo em que vivemos.

Ingressa na Faculdade de Medicina da então Universidade de Porto Alegre no vestibular de 1932. Já como estudante envolve-se na vida universitária, ocupando diversos cargos na diretoria do Centro Acadêmico da Faculdade onde cria o “Jornal de Medicina”. Um de seus textos, incluído no livro-homenagem e intitulado **“Nós, os alunos que já estávamos lá”**, é um documento valioso sobre a história dos centros acadêmicos em nossa Universidade e no país.

Ainda como estudante, revela sua inigualável competência como orador. Assim, enquanto quartanista de Medicina, profere, em nome dos demais estudantes, o discurso de evocação ao Professor Sarmiento Leite na ocasião de seu falecimento, em 1935. Esse texto, intitulado **“A morte do velho Sarmiento”**, colhido nas páginas do jornal *Correio do Povo*, é o primeiro dos documentos do Autor reunidos na publicação antes mencionada.

Ali se reconhece já no jovem de 22 anos o pleno domínio dos efeitos da retórica, o poder de mover seu ouvinte e de suscitar a emoção.

Rubens Maciel realiza na UFRGS uma trajetória acadêmica completa. Após sua formatura como primeiro aluno da turma de 1937, ingressa como Professor Assistente de Clínica Médica. Em 1942, torna-se Livre-Docente de Clínica Médica e também de Propedêutica Médica. Dessa disciplina torna-se titular (na época dizia-se professor catedrático) aos 33 anos de idade.

Sua curiosidade de cientista e pesquisador o levou a criar vários núcleos de investigação e a obter, como médico e como professor, o reconhecimento que se traduziu em relevantes títulos e premiações. Dedicado a questões de âmbito institucional, presidiu a Sociedade Brasileira de Cardiologia, foi Diretor do Programa Universitário da CAPES e Membro do Conselho Federal de Educação, entre outros cargos. Sua atuação não se restringiu ao país. Em âmbito internacional, foi bolsista da Fundação Rockefeller para Educação Médica, Delegado do Brasil à XVIII Assembléia Geral das Nações Unidas e Consultor da Organização Pan-Americana de Saúde.

Tornou-se membro titular da Academia Nacional de Medicina e da Academia Rio-Grandense de Medicina, que ora o homenageia, no ano de seu falecimento, ocorrido em 24 de agosto deste ano, em Porto Alegre.

Voltemos aos dois fatos a que antes me referi.

O primeiro deles evoca sua atuação no Conselho Editorial da UFRGS no período de 1979 a 1981, e o segundo, seus escritos de natureza humanística, alguns dos quais foram incluídos no livro publicado em 2003 e aos quais retornarei mais adiante.

No primeiro caso, tive a honra de, na gestão do Reitor Homero Jobim, presidir aquele Conselho, composto de uma plêiade de renomados profissionais de diferentes áreas acadêmicas nele representadas. Além do Professor Rubens Maciel, os Professores Antonio Azambuja, Guilhermino Cesar, Almiro do Couto e Silva e Armindo Trevisan. Foram sessões memoráveis, das quais se havia de ter preservado um registro além das simples Atas habituais. Desse seletto grupo, foi especialmente o Professor Rubens Maciel quem colaborou diretamente comigo na redação de uma nova proposta para a Editora da Universidade.

Ao me referir a esses momentos de privilegiado convívio, recordo o quanto aprendi, deleitada, com aquele Professor, que, não pertencendo à área de Humanas, nela se movimentava com a mesma facilidade com que transitava pelo campo científico. Foi certamente sua invulgar competência de educador e a continuada reflexão que desenvolveu sobre os processos de ensino e aprendizagem, suas razões e efeitos, que lhe permitiram sempre abarcar outros domínios, acionando o mesmo repertório de conhecimentos práticos e igual erudição.

São exemplares pelo menos duas de suas manifestações como educador que procurei salientar na obra publicada, tomando-as ali como epígrafes. São frases extremamente significativas. Na primeira delas diz que **“uma Faculdade de Medicina não deve contentar-se em ser uma escola onde se ensina; ela precisa estar certa de que é uma escola onde se aprende.”** E isso porque, de forma mais geral e abrangente, como logo observava, **“O aluno não é um simples complemento do verbo ensinar mas o sujeito do verbo aprender.”**

Essas duas sentenças, aproximadas, explicitam que, para ele, o processo educativo está centrado no aluno, que é, simultaneamente, sujeito e beneficiário da ação de ensino desenvolvida.

Assim o vi manifestar-se na Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados, em Brasília, em setembro de 1977, quando, em missão da UFRGS, ali nos coube debater em Seminário sobre o Ensino Superior. Sua brilhante exposição realçava a preocupação com o aluno, desde a grande massa de postulantes ao ensino universitário que não conseguem seu ingresso àqueles que, ingressantes na Universidade, não conseguiam na época atingir uma vaga na profissão de sua escolha. Problemas que se renovavam nas opções a residências médicas.

Rubens Maciel usou, naquela ocasião, uma fórmula sugestiva sobre o processo ensino-aprendizagem no qual distinguia o tipo de ensino precedente e aquele que se estava firmando cada vez mais nos cursos de formação da área de Saúde da UFRGS, ou seja, indicava que evoluíam decididamente **“do dar notícias do saber, para o ensinar a fazer”**.

Sempre preocupado com os atores desse processo, diria ainda que **“O professor deve ser respeitado, não só pelo seu preparo, mas pelo conhecimento humano”**.

Este talvez seja o dado mais importante de sua postura como educador, que o levava a reconhecer uma íntima relação entre viver e ensinar. Como comentaria no famoso e já mencionado discurso a Sarmiento Leite, ao louvar-lhe a bondade e o desprendimento, a coragem e a decisão, a simplicidade e o afeto, diz que sua história simples e sublime se resumia em dupla atuação, pois, para ele, Sarmiento Leite **“viveu ensinando e ensinou vivendo”**.

São parâmetros como esses que refere importantes não apenas para a formação inicial do médico, mas para assegurar sua continuidade.

Rubens Maciel projetou e difundiu os ideais da chamada “educação médica continuada” ou “educação permanente”, na qual o desenvolvimento constante das potencialidades do indivíduo não somente o capacita para a vida mas para a melhor utilização de seus conhecimentos. Como dirá, **“uma das tragédias da estrutura de nosso mundo está na desproporção entre o conhecimento científico em todas as áreas e o aproveitamento que dele se faz em benefício da humanidade, também no seu mais amplo sentido”**.

A compreensão ampla do processo educacional é que lhe concedia o fácil trânsito entre as diversas áreas, como antes mencionei.

Pensou intensivamente as questões da Saúde, sem deixar de vinculá-las aos contextos social e acadêmico. Daí a cautela com que atuou na constituição de uma universidade pan-americana para todas as profissões de saúde. Rejeitou a idéia de uma universidade centralizada, de caráter continental. Daí decorrem também suas sugestões para a criação de uma “universidade em rede”, pois, atento a aspectos não exclusivamente científicos mas humanos e levando em conta as características culturais de cada região, suas diferenças, buscou uma solução enriquecedora para o conjunto sem alterar as condições existentes em cada país. Propôs, então, a criação de uma “universidade em rede”, ou seja, de uma “rede de centros de excelência”, identificados nos diferentes países do continente e articulados em um plano de pós-graduação, a ser coordenado pela Organização Pan-Americana de Saúde. Também o ensino a ser ministrado nesses centros deveria diferir dos programas regulares de uma educação formal: em lugar de especializar profissionais já altamente capacitados, tratar-se-ia de fortalecer lideranças que poderiam enfrentar os problemas locais. Esse processo envolveria dados da antropologia cultural, de economia, de administração de problemas de saúde, mobilizando uma série de conhecimentos que não estão exclusivamente na área médica.

O que aqui pretendo sublinhar, mesmo que rapidamente ou com um único exemplo, é a amplitude característica do pensamento desse Professor, que se antecipava a muitas das tendências em educação hoje atuais, como a da interdisciplinaridade e a dos intercâmbios de conhecimentos e de docentes. Pensou, pois, o ensino médico em dimensões continentais e adiantando-se a seu tempo.

Sabe-se que uma de suas maiores obras foi a criação, aqui em Porto Alegre, em nossa universidade, na Santa Casa de Misericórdia, da Enfermaria 29, **“o maior núcleo de pesquisa médica no sul do país”**, nas palavras de Mario Rigatto, pois, como ele ressalta, **“atraiu para os seus quadros ao longo de várias**

gerações (...) cerca de duas centenas das mais promissoras cabeças egressas de nossas Faculdades de Medicina”, tendo sido ainda “cenário à introdução de vários procedimentos pioneiros”.<sup>1</sup>

Com idêntico entusiasmo nos fala da Enfermaria 29 o professor Carlos Antonio Mascia Gottschall no artigo que escreveu para o livro-homenagem a que me tenho reportado. Ao explicitar características e colaboradores dessa Enfermaria bem como a relevância da atuação do professor Rubens em não só criá-la, mas em transformá-la no Serviço Central de Cardiologia da Santa Casa, o Professor Gottschall exalta que esse Serviço “como poucos estendeu sua atuação além do puramente assistencial para o didático e o criativo, sendo um dos pilares da construção da moderna medicina no nosso Estado, em especial da cardiologia e da pneumologia”.<sup>2</sup>

E mais adiante irá sublinhar que “Na Enfermaria 29, o respeito às pessoas, às suas idéias e convicções era absoluto. Não se cogitava de solicitar qualquer referência ideológica para integrar o Serviço, somente honestidade, responsabilidade e ética.”<sup>3</sup>

As linhas diretas estabelecidas aludem também à figura humana de Rubens Maciel, descrita em outros textos do mesmo livro em artigos nos quais fica clara sua condição de exemplo e modelo a seguir. Assim o designa o Dr. Nelson Nonohay em seu artigo “Rubens Maciel: inspiração ética e política” e o ex-Reitor da UFRGS, Professor Tuiskon Dick, no texto intitulado “Um Mestre, um exemplo. Depoimento de um ex-aluno”, no qual afirma ter sido Rubens Maciel a figura mais brilhante que encontrou na sua universidade. Como diz: “Quantos de nós tentamos, vez por outra, ser semelhantes ao mestre, em suas atitudes e posições, em sua forma de dizer e proceder”.<sup>4</sup> Não é diferente dessa manifestação as que se inscrevem nos demais artigos do livro de autoria dos médicos Waldomiro Manfroi, Carlos Cesar Albuquerque, Clóvis Wannmacher e José Roberto Ferreira, que atuou com o homenageado no Rio de Janeiro e na Organização Pan-Americana de Saúde, em Washington.

Nada mais significativo para um Mestre do que ser tomado como inspiração por seus colegas.

Oportuno lembrar, como foi feito em “Rubens Maciel e o nosso Hospital de Clínicas”, texto do Professor Mário Rigatto, em 1983, sua valiosa contribuição ao projeto do Hospital, tendo presidido sua Comissão de Instalação, no período em que “foram tomadas decisões que são, até certo ponto, as maiores responsáveis pelo singular destaque do nosso Hospital de Clínicas dentre os demais Hospitais de Clínicas do País”. Mario Rigatto também observa que “os anos de existência do nosso Hospital só têm feito por confirmar a propriedade das soluções propostas e implantadas, em grande parte, pelo menos, por Rubens Maciel”.<sup>5</sup>

Além de configurar-se como um homem de ação invulgar, Rubens Maciel foi ainda objeto de admiração por seu talento oratório.

Tal qualidade iria favorecer-lhe o desempenho na prática docente, no exercício da qual igualmente se sobressairia pelo conhecimento científico mas também pela competência de explicar e de esclarecer o assunto, com originalidade da exemplificação, e desdobramento de idéias, límpido e argumentativo. Por isso seu ingresso no magistério resultou de um projeto de vida inteira: o de ser professor.

Em uma de suas inúmeras entrevistas, indagado sobre sua facilidade de expressão, ele a atribuiu a três fatores: o convívio com o pai, um dos oradores mais fluentes que conhecera, à prática continuada da leitura – “Desde cedo li muito – dirá então – e, à força de ler, terei aprendido com os outros a exprimir as coisas que penso”. Finalmente, evocaria uma razão de ordem de temperamento: “O ato de falar em público não me desperta nenhuma emoção inibidora”.

Com efeito, tinha Rubens Maciel o prazer da comunicação oral, sentia-se à vontade tanto diante dos alunos como do grande público, graças a um talento especial que todos soubemos apreciar.

Do mesmo modo, o interesse e a persistência da leitura, não apenas científica e profissional, lhe conferiu uma sensibilidade particular para com a palavra que se estendeu inclusive à escrita de alguns textos de sabor literário.

É o caso de “Pergunta e definição”, no qual reconstrói o diálogo com um domador de estância, homem vivido mas inculto, de nome João Santana, que lhe pergunta se ele, como doutor, já havia lido muitos livros e se lhe faltava muito para ler o último. Tal pergunta foi fonte de reflexão e corrigenda à

<sup>1</sup> Rubens Maciel. Org. Tania Franco Carvalhal. Porto Alegre: EDUFRGS, 2003. p.112.

<sup>2</sup> Rubens Maciel. Org. Tania Franco Carvalhal. Porto Alegre: EDUFRGS, 2003. p.122.

<sup>3</sup> Rubens Maciel. Org. Tania Franco Carvalhal. Porto Alegre: EDUFRGS, 2003. p.126.

<sup>4</sup> Rubens Maciel. Org. Tania Franco Carvalhal. Porto Alegre: EDUFRGS, 2003. p.110.

<sup>5</sup> Rubens Maciel. Org. Tania Franco Carvalhal. Porto Alegre: EDUFRGS, 2003. p.116.

resposta vaga que nosso autor lhe dera. Acabou percebendo que a pergunta era sábia e encontrou para ela uma única resposta: **“Muito se aprenderá sobre o mundo e a vida. Os poderes humanos serão cada vez maiores. Mas ninguém chegará a ler o Último Livro.”**<sup>6</sup>

Rubens Maciel foi sempre um entusiasta de seu ofício, ocupado com a formação do médico e do indivíduo, como está, por exemplo, no seu discurso de posse na Academia Nacional de Medicina, no qual confronta a noite em que o estudante se transformou em médico com aquela em que o médico se transformava em acadêmico, quarenta anos depois. Ali assim se expressa:

**“Digo-vos que a Medicina tem atravessado crises, mas saiu bem de todas elas. São crises de crescimento, de desajuste entre seu processo científico e técnico e o atraso das estruturas econômico-sociais que lhe demandam os serviços. Os progressos de tecnologia são bem-vindos e é necessário tirar deles o máximo proveito, para a prevenção ou restauração da saúde; basta apenas que saibamos usá-lo como aos demais avanços noutros campos, com sensatez e discernimento. A formação de médicos é uma necessidade social; mas é também um projeto individual, de um ser humano que busca o caminho de sua realização; o médico pode ser chamado ‘recurso’, mas é muito mais que um instrumento!”**

Ao concluir, cabe aplaudir a iniciativa da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina, com o mesmo espírito que animou a UFRGS e as demais entidades associadas a este evento, de registrar a vida e a obra de um de seus mais brilhantes membros com a homenagem que aqui se promove ao Professor Rubens Maciel.

As instituições, comprova-se, são as melhores guardiãs da memória. São elas que, ao recordar os indivíduos, constroem a tradição do saber, recolhendo a matéria que o tempo, por vezes, indevidamente negligencia.

Esta Academia, hoje, cumpre exemplarmente essa função.  
Muito obrigada!

TANIA FRANCO CARVALHAL

<sup>6</sup> *Rubens Maciel*. Org. Tania Franco Carvalhal. Porto Alegre: EDUFRGS, 2003. p.90.